

revista

Geo 
 USP
 espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

EDITORIAL

Este número da *Geosp – Espaço e Tempo* registra ideias que tiveram lugar no Seminário 40 Anos de Geografia Crítica: sua atualidade na Geografia Humana da FFLCH-USP, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no dia 15 de outubro de 2018. O objetivo desse Seminário foi discutir e problematizar o legado e a potência do movimento da Geografia Crítica no referido Departamento, bem como sua importância no desvendamento do mundo moderno e a atualidade científica de seu pensamento crítico.

Para aqueles que viveram esse movimento desde o início, o Seminário significou uma imersão na memória destas quatro décadas; aos que se engajaram posteriormente ou que o acompanharam direta ou indiretamente, permitiu elucidar por que a Geografia Crítica se colocou como um divisor de águas quando modificou profundamente a produção do conhecimento na Geografia.

O centro irradiador, a *cellula mater* dessa corrente ou escola de pensamento foi este Departamento, e um olhar atento sobre sua história permite responder a alguns dos porquês. Aqui, a pesquisa científica é de longa data, valorizada como necessária à produção do conhecimento e à formação de geógrafos. A primeira tese em geografia é de 1944 e, até 1991, era o único departamento a desenvolver pesquisa de doutorado em geografia do Brasil. Para cá afluíam muitos dos que queriam fazer pós-graduação, contribuindo para um ambiente intelectual de grande efervescência científica e cultural. Mas só isso não bastaria para explicar o fato de ter sido o principal núcleo irradiador da geografia crítica.

A essa particularidade, se agrega a de que este Departamento integra a FFLCH, que se originou da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras fundada em 1934, quando se estruturou a USP. Com o passar dos anos, muitos cursos se autonomizaram, a exemplo do de Matemática e Estatística, do de Psicologia ou do de Química. É importante mencionar essa formação institucional porque, na estruturação da Universidade, esteve presente uma missão francesa, com a vinda de professores que revolucionaram as ciências humanas, a exemplo

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

de Roger Bastide, Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss e, na Geografia, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, tende este último ficado cerca de 11 anos no Departamento de Geografia.

Essa influência francesa enfatizou na Geografia o possibilismo e o historicismo, que entende a realidade como resultado de uma evolução e que a perspectiva histórica e a análise de processos são fundamentais para entender essa realidade. Considera ainda que, em vez de buscar leis gerais, as ciências humanas devem se preocupar com as particularidades e as singularidades como produtos de circunstâncias no tempo e no espaço. Essa influência ajuda a compreender por que a Geografia da USP não se sensibilizou pelo positivismo lógico inspirador da Geografia Teórica. Essa visão neopositivista privilegia a formulação de leis gerais, assume uma posição anti-historicista e procura se expressar por meio de uma linguagem matemática, linguagem que acabou por conferir-lhe a adjetivação de quantitativa. Em suma, a influência do historicismo, a ideia de processo, gênese e movimento da história, se combinou com a busca de novas referências teóricas que permitissem compreender melhor a sociedade e seu espaço.

No fim dos anos 1970, o processo de liberalização do regime militar dava seus primeiros passos; em 13 de outubro de 1978, se promulgou uma emenda constitucional que extinguiu o Ato Institucional n. 5, editado em 1968, que havia tornado possível a perda de mandato de parlamentares contrários ao regime militar, dado salvaguarda a uma série de intervenções e, o mais grave, suspendido as garantias constitucionais dos brasileiros, abrindo um flanco para a institucionalização da tortura, a triagem ideológica e a “aposentadoria” compulsória de professores ilustres. Na USP, foram assim aposentados Florestan Fernandes, José Arhur Gianotti, Otavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Paula Beiguelman, Elza Salvadori Berquó, José Batista Vilanovas Artigas, Israel Nussenzveig, Thomas Maak, Paul Singer, Caio Prado Júnior... ao todo, 42 professores.

Com a distensão da ditadura, eram recebidos com manifestações muitos daqueles que haviam sido banidos do Brasil pela ditadura militar como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Herbert José de Sousa (Betinho), que foram os primeiros a voltar, no último dia de agosto de 1979, assim como os que haviam saído do país se salvaguardando desse regime. No ano seguinte, o último preso político ganhou liberdade condicional e todos os professores aposentados compulsoriamente puderam retornar à USP.

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

A sociedade sentia o efeito da eclosão das greves de 1978 a 1980 no ABC paulista que marcavam o ressurgimento da força dos trabalhadores e de um novo sindicalismo, em paralelo à retomada da reforma agrária e dos movimentos sociais em geral que, por meio de demandas e pressões organizadas, procuravam conquistar direitos que, afinal, acabaram inscritos na Constituição de 1988.

Na USP, extinguiu-se em 1976 a Assessoria Especial de Segurança e Informação que fora criada em 1969, com a função de fiscalizar professores, funcionários e alunos e que mantinha laços com o aviltante SNI (Serviço Nacional de Informação) e com o indigno DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), por meio de relatórios quase diários, como exercício da triagem ideológica.

Se a crítica ao regime militar estava banida dos jornais e da mídia em geral, as universidades, mesmo vigiadas, não abriram mão do pensamento crítico. O conflito social era agudamente perceptível, e as questões relativas ao espaço eram visivelmente sociais, fosse em relação à natureza e ao uso que se fazia dela, fosse em relação à produção da cidade ou às políticas de desenvolvimento, entre tantos temas tradicionais e novos que poderíamos mencionar.

O pensamento se exigia crítico, para impedir que as tensões na sociedade ficassem obscurecidas, levassem à passividade, alimentassem ilusões e, acima de tudo, fizessem com que as ignomínias da sociedade deixassem de nos indignar ou causar repulsa. Havia muito a fazer; cumpria desenvolver um pensamento crítico na Geografia sem esquecer os ensinamentos de nossos mestres, que sempre colocaram que incumbia à geografia compreender o espaço, os processos e as dinâmicas.

Alguns aspectos do contexto e das razões do desenvolvimento da Geografia Crítica estão expostos aqui, no sentido de situar o leitor nos textos que compõem este número. Na Introdução, Ana Fani Alessandri Carlos procura esclarecer a pertinência desse Seminário acentuando a importância do pensamento crítico na produção do conhecimento, a necessidade de não deixar que ele esmoreça face a tantas indagações que se colocam neste novo século e à possibilidade de cerceamento, no plano político, da liberdade de pensamento e investigação.

No artigo “Pensar radicalmente sob a repressão: a geografia crítica brasileira no contexto da ditadura civil-militar”, ao discutir os processos autoritários de modernização, Elisa Favaro Verdi rememora o Encontro Nacional de Geógrafos da Associação

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

dos Geógrafos Brasileiros ocorrido em Fortaleza em 1978 como um marco na história da Geografia Crítica, ocasião em que essa associação se democratiza. Lembra que a Geografia Crítica não é exclusiva da geografia brasileira e analisa o contexto político nacional frisando a repressão às ideias, a reforma universitária de 1968 e acontecimentos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Argumenta que a incapacidade de compreender a realidade pelos instrumentais teóricos e metodológicos tradicionais da Geografia levaram ao desenvolvimento da Geografia Crítica.

Em “Geografia agrária crítica: um pouco de história”, Marta Inez Medeiros também interpreta o contexto histórico do surgimento da Geografia Crítica o lembra o impacto do livro de Milton Santos, *Por uma geografia nova*, publicado em 1978 como um ponto de partida, diríamos, visível, para o diálogo entre a geografia e o marxismo. Enfocando particularmente a geografia agrária, mostra o quanto a liderança de Ariovaldo Umbelino de Oliveira tem sido, como se expressou, uma peça-chave para a construção de uma geografia agrária marxista e comprometida com as lutas sociais. E, discutindo a atualidade do pensamento crítico, menciona a abordagem decolonial, suas virtudes e também a possibilidade de descaminhos por se negligenciar a totalidade da reprodução do capital em geral.

No artigo intitulado “A trajetória teórico-intelectual de uma geografia urbana crítica e radical”, Isabel Aparecida Pinto Alvarez e Cesar Simoni Santos identificam dois momentos nessa trajetória: o primeiro, entre fins da década de 1970 e começo da de 1980, relativo à ruptura com a geografia que se fazia, e o segundo, a partir dos anos 1990, à influência do pensamento de Henri Lefebvre. Tomando como referência analítica e expressão do primeiro momento duas teses e um texto, argumentam que seu teor revela uma renovação no pensamento da geografia urbana advinda da compreensão de que a cidade se constitui como um produto histórico e social, o que naqueles idos não era uma afirmativa banal. Para o segundo momento, percebem com apreciável clareza três eixos teórico-conceituais presentes na obra de Lefebvre que se constituíram em balizas para a análise do espaço: a produção do espaço, o tensionamento entre o uso e a troca relativos ao espaço urbano e a posição contra a abstração que conduzirá à crítica ao Estado.

Em “A geografia crítica e a economia política”, Rita de Cássia Ariza da Cruz destaca a importância da Geografia Crítica como um movimento de renovação do pensamento geográfico no século XX lembrando, inicialmente, uma interessante entrevis-

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 22 • nº 3 (2018)

ISSN 2179-0892

ta concedida por Richard Peet em 1977, que revela o quanto a relação entre marxismo e geografia era extremamente nova e desafiadora. Discute a relação entre a economia política e a geografia tomando como referência autores de diversos países e disciplinas, para então comentar essa relação na produção dos geógrafos brasileiros. Finaliza seu artigo destacando e discutindo a noção de desenvolvimento geográfico desigual como importante noção para se compreender a renovação do pensamento geográfico.

Em “A geografia humana e a teoria regional crítica”, Eudes Leopoldo captura, no movimento da crítica à Geografia Regional, duas frentes: o debate da relação entre urbanização e industrialização na constituição de regiões e a geografia política, a geopolítica e as políticas regionais. É interessante sua percepção da transição do conceito de região como relacionado a evidências, sejam elas relativas às divisões administrativas ou a conjuntos homogêneos naturais, por exemplo, para entender a região como produto particular do processo de reprodução do capital. Revela como a renovação da Geografia deu centralidade às relações de poder e renovou a abordagem das políticas regionais e defende, à guisa de um pequeno ensaio, a potência explicativa da categoria *região* no mundo contemporâneo.

Esses artigos são apenas parte do Seminário 40 Anos de Geografia Crítica: sua atualidade na Geografia Humana da FFLCH-USP. Realizado na cidade de São Paulo num Dia dos Professores, serviu para lembrarmos toda essa história. Por meio da pesquisa em geografia e da crítica permanente, talvez o movimento da geografia crítica e a atualidade de seu pensamento tenham feito e continuem a fazer *poetas de campos, espaços* sonharem com um mundo melhor e possível. Reavivando a memória, recordo que 1978 foi também o ano em que Caetano Veloso lançou “Sampa”, que, como ele diz, se constitui como um hino a São Paulo. Vindo da Bahia, de Santo Amaro da Purificação, cantou:

[...]

E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso
Do povo oprimido nas filas, nas vilas, nas favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobre, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços

[...]

Sandra Lencioni

Sandra Lencioni